

**Vicente Franz Cecim**  
**Amazônia: la visibilidad de lo invisible**

Poeta, narrador, cineasta, periodista, pluma y voz de un territorio inmenso y desconocido, inobservado por la mayor parte de las miradas humanas, de una tierra de belleza y misterio inobjectables, de una riqueza que, como todo lo esencial (y como avisaba el pequeño príncipe), es invisible a los ojos, la Amazonia es el cuerpo y el alma, el arte en la naturaleza que pinta Vicente Franz Cecim en su obra literaria, visual, multidisciplinaria y multifacética, inusualmente abarcadora, en su amplia gama de utilización de los sentidos.

Vicente Franz Cecim nació en esa Amazonia total, en Belém do Pará, en 1946, y como el gusta de decir: en el marco “de una escritura en completa libertad, una literatura que es alquimia que rompe con las fronteras entre prosa y poesía, funde lo natural y lo sobrenatural, lo profano y lo sagrado, y se lanza en una búsqueda intensa del sentido metafísico del ser y de la vida”. Su arte, su trabajo, resulta primordial a la hora de visibilizar para América Latina (y para el mundo) una obra mayor, que despierta un territorio literario silenciado y silencioso, alejado por el bullicio comercial metropolitano de las multinacionales, furioso brillante en su lejanía original de propuesta de *terrae incognita*, salvaje, hermosa y desmesurada.

Así, en 1979 Cecim publica *A asa e a serpente* y da inicio a una obra que se propaga bajo el título de *Viagem a Andara oO livro invisível*, donde transfigura su región natural, la Amazonia, en Andara, un lugar metafórico en que lo sobrenatural emerge como una epifanía, geografía en la cual ambienta todos sus libros.

Andara es la Amazonia “vista con ojos mágicos”, dice Cecim, y es literatura fantástica desde la perspectiva de que, a medida que van apareciendo de forma individual los “libros visibles” de Andara, se va constituyendo, construyendo poco a poco, el “libro invisible”, que es “literatura fantasma”, un no-libro, un libro que no fue escrito más que alusivamente, y es “cuerpo de un cuerpo que se sueña”. Bajo estas reminiscencias borgesianas, pero concebido desde una lejanía absoluta con respecto a la mente circular a la que suscribía en parte de su obra el gran escritor argentino, la patria, la tierra que diseña, que dibuja, que escribe (y no escribe), que aparece y oculta Cecim, es una territorialidad alternativa, que evidencia el misterio que aloja el territorio amazónico, en/cubierto por una poética de lo fantasmático, de lo abisal, de lo visible/invisible simultáneos.

En 1980 nace el segundo libro de Andara: *Os animais da terra*, que recibe el premio Revelación de Autor de APCA (Asociación Paulista de Críticos de Arte). En 1981, *A noite do Curau*, una primera versión del tercer libro de Andara: *Os jardins e a noite*, recibe, asimismo, una mención especial en el Premio Plural en México. En 1988, *Viagem a Andara, o livro invisível* (Editora Iluminuras, San Pablo), reuniendo los siete primeros libros de Andara, obtiene el Gran Premio de Crítica de APCA. En 1995, se publica *Silencioso como o Paraíso* (Iluminuras), que reúne cuatro libros más de Andara. En el año 2001, cuando la invención de Andara cumple 22 años, Cecim publica *Ó Serdespanto* (Imán Ediciones, Lisboa) con dos nuevos libros sobre Andara, arte que es apuntado por la crítica portuguesa como uno de los mejores libros del año. En 2004 se relanzan las versiones finales de los siete primeros libros de Andara, reunidos en los volúmenes *A asa e a serpente* y *Terra da sombra e do não* (Editora Cejup, Belém).

En 2005, también en Portugal, publica *K O escuro da semente*, su primer libro diseñado bajo el contrato de la Íconoescritura –forma híbrida de escritura que mezcla presencia y ausencia de palabras–. La publicación de *K* es un paso importante en la obra literaria de Vicente Cecim, pues constituye un paso firme hacia una literatura fantasma, que va más allá de la literatura fantástica y de la mismísima literatura, que lleva a un sitio donde “lo natural es sobrenatural, lo sobrenatural es natural; eso fue lo que Andara me reveló. Ya no hago Literatura: hago Escritura”. Este lenguaje iconoescritural se repite en oÓ: *Desnutrir a pedra* (Tessitura Editora, Minas Gerai, 2008), *Breve é a febre da terra* (2014, Prêmio IAP de Romance Haroldo Maranhão), *Fonte dos que dormem* (Editora Córrego, São Paulo, 2015, y la edición brasileña de *K O escuro da semente* (Letra Selvagem, 2016), finalista del Premio de Poesía de la APCA.

A modo de breve síntesis, la obra de Cecim es fuente original (natural) que se escinde de cualquier vertiente literaria canónica, presentando un cuerpo y un alma “despegados”, tanto de la narrativa como de la poesía o cualquier otra forma artístico-literaria asociada a género predeterminado. En ese sentido, importa dar a conocer parte de la obra de Vicente Franz Cecim, para esta oportunidad bajo la forma de los *Manifestos Curau* – segundo Cecim: “uma defesa poética/política da Amazônia e seus habitantes, uma tomada de posiçãoem estado de vigília, simultânea aos sonhos de Anmdara” - algunos fragmentos de *Vozes de Andara* y una auto entrevista. Si bien no agota, ni mucho menos, el paradigma Cecim, estas breves lozanías o acercamientos a la obra del artista de Belém, conciernen al quehacer literario en tanto muestrario de una literatura insólitamente original, fantástica en su impronta de novedad, fresca como el aire amazónico que pretende hacernos percibir.

Marcelo Damonte.

## MANIFESTOS CURAU



VICENTE FRANZ CECIM

## MANIFESTOS CURAU/PARTE I: PALAVRAS DE ABERTURA

Dom Fugaz

Enquanto *Flagrados em delito contra a Noite/Manifesto Curau*, o *Manifesto I*, de 1983, foi uma Palavra para Todos, o que falou após ele vinte anos depois: *No Coração da Luz/Segundo Manifesto Curau*, ou não é uma Voz que se dirige, com menos ingenuidade, objetivamente cético-estóico-Sêneca apenas às Gerações Futuras. Nesse sentido, houve, em relação ao que o anterior propunha, uma redução de expectativas ou um des-iludir-se como libertação das falsas esperanças: - Como creio que as Mutações das Consciências se darão lenta e impura mente mescladas aos vícios mentais acumulados nas gerações passadas, tendi a inclinar minha esperança para um Dom da Vida: a *Fugacidade dos Homens e das Coisas*. E louvar que nada, em baixo, se mantenha o Mesmo - sim, Heráclito - embora tudo, no alto, permaneça o Uno - sim, Parmênides. Pois parece um Bem e uma Graça que os homens, enquanto Entes da Vida Visível, a manifesta, sejam Efêmeros e as coisas mutáveis, e que os frutos antigos desmoronem e se desfaçam, mas semeando Sementes. Eis, estão : - Se essas Sementes vierem contaminadas por *Aquilo*, oculto, que levou o Fruto à decadência, *estão estaremos perdidos*. Sonho esta Utopia, no *foradentro da VidAndara*: - Sonho que, Se, florescerem duas gerações inteiramente inter-rompidas com o passado, nascidas - que Milagre, ó ser de espanto - *sem antecedentes* - isso limparia, lavando e queimando, a Vida humana de seus Vícios públicos e privados. E assim entendo que metáforas como *Dilúvio & Apocalipse* são, especificamente, essa Fugacidade que possa vir nos libertar das cadeias. No duplo sentido, de elos e prisões.

VFC.

Belém, Amazônia, Brasil, Junho/2009.

## MANIFESTOS CURAU/PARTE II: FLAGRADOS EM DELITO

## Flagrados em delito contra a noite/Manifesto Curau

O menino ouvia.  
- O medo só veio para aqueles que tinham as suas velhas razões para ter medo, e esses passaram a ter medo então do Curau. Eles têm medo de tudo, dizia Jacinto. O menino ouvia.  
Quando a ave veio, aquele medo andava pelas ruas com passos que nunca levarão a uma terra sagrada, menino, dizia Jacinto.  
E o menino ouvia.

*Os jardins e a noite*, 1981/ Terceiro livro visível de Andara

Vítimas de uma sociedade violentamente gerada pelos mais evidentes padrões de colonização, nossas chances de mudá-la começam na visualização da face oculta de quem nos fez isso.

Este é um esforço que precisa voltar bem atrás, e que deverá se espalhar, interrogativamente, em várias direções, para obter êxito.

Historicamente, a História vista com um outro olho, não essa de a priori infalíveis, mas uma de navegações frequentemente sem leme e em rumo incerto,

historicamente, a falência do Ocidente culto instituído, aristotélico e cartesiano, pragmático enfim, tem sido uma crença estúpida, contagiosa e exportada para os quatro cantos magros do mundo, num dos quais nos incluímos, embora devamos estar solidariamente em todos eles: uma crença que afirma que só os dias despertos existem, sendo todo o resto *fantasma*, isto é: a parte dos sonhos.

Aí se instala o reduto central da opressão, desse Ocidente auto-suficiente e, em decorrência, rancoroso, reduto que as nossas confrontações libertárias com o colonialismo devem atacar cada vez mais.

As fábulas do Ocidente culto são, assim, quando existem, frequentemente documentos de um terror.

O terror de permitir que os sonhos humanos penetrem no real para fecundá-lo de desejos nos limites do impossível, seduzindo toda sensatez domada, estabelecida, libertando o real da racionalidade maníaca. Essa senhora respeitável e, no entanto, infame.



Mas nós, aqui, entre peixes, sonhos e homens, nesta Amazônia em transe permanente, sabemos, ou deveríamos saber, que é preciso tocar o coração de Aquiles do real, ali onde ele é sensível e impaciente espera de um acontecimento total que o transfigure.

Onde se oculta, e como se dissimula, o medo ocidental?

Sua recusa sistemática da dimensão imaginária humana?

Afinal, e claramente, um mecanismo de civilização em processo de autodefesa tão suicida como criminoso, como qualquer outro verificável em individualidades retorcidas pelo esgotamento de uma existência sem revitalizações permanentes?

Marx dizia que, na História, os acontecimentos se repetem como farsas. O Ocidente culto é a repetição de uma repetição, a farsa de uma farsa.

Esse medo, vulnerável a um olhar sem véus, revela-se: trata-se, quando observado sem reservas nem admiração inocente, de uma engrenagem que, atualmente, e cada vez mais, de repetição em repetição histórica, gira ao contrário: se antes permitiu ilusões reconfortantes, hoje, ela despedaça o próprio ocidental – e faz dele sua vítima mais imediata, não esqueçamos isso – carente como ser dado ao mundo social – apesar de uma civilização de bem-estar material – e como projeto de ser – nunca totalmente alienável – na destinação secreta que o põe, no ritual das ontologias indiferentes às deformações da História, e apesar das consolações religiosas do Ocidente, desabrigado num cemitério de ossadas morais, estéticas, políticas – estas, também um fêmur roído até a fronteira das cerimônias sociais já sem sentido.

O medo do Ocidente culto é o medo do Ocidente às revoluções. De qualquer espécie. Poéticas ou políticas, ou à aliança dessas duas formas de luta.

O medo do Ocidente às fábulas do imaginário rebelde é a mais evidente declaração de desprezo desse Ocidente pela realidade.

Porque, na verdade, esse Ocidente *nega o real*, sob o álibi de recusar o sonho em nome de uma realidade que, de fato, é vazia e inexistente, porque mero artifício engenhoso engendrador de uma forma de dominação que se quer estável e permanente, certeza e reafirmação da manutenção perpétua de um poder.

O medo ocidental culto é o medo dos imperialismos da Razão, e sua base econômica e totemicamente moral, às possibilidades históricas e estéticas da África, da Ásia, do Oriente Médio e da América Latina.

Também não temos o direito de esquecer que é com esse medo que as autoridades desse Ocidente culto submetem o indivíduo ocidental anônimo: latente aliado do Terceiro Mundo para uma insurreição em escala planetária.

Esse medo é o manifesto temor, de impulsões assassinas – os massacres do imperialismo estão em toda parte, inclusive na expansão de um novo imperialismo europeu de esquerda – de um organismo arcaico ante a emergência de novas vitalidades sobre o planeta.

O equívoco das lutas antiimperialistas circunscritas à confrontação política e econômica é, tem sido, ignorar que o projeto de permanência do imperialismo ocidental, projeto liderado pelos imperialismos europeu e norte-americano, inclui estratégias mais vastas e invisíveis, que utilizam a cultura - a Cultura, exprime melhor - e todas as suas ramificações, previamente envenenadas com um curare entorpecedor das culturas do Terceiro Mundo, tolhendo na nascente sua afluência e sua chance de uma ação nativa libertadora.

Assim é que esse Ocidente, *tendo tudo a perder*, nem vivo no real, nem *mais vivo ainda* na incorporação de um real total pela incorporação do além-fronteiras do onírico humano,

quer, insiste em se propor como modelo alienador, das culturas oprimidas.

Freud continua sendo para o Ocidente culto uma ferida aberta no seu inconsciente, perigosa, e que o Ocidente precisa cicatrizar, esquecer, e a conversão de suas descobertas em estratégias terapêuticas é a mais explícita constatação da manifestação do medo ocidental diante do imaginário.

Será compreendendo que, do outro lado do Atlântico e mais acima dos Trópicos, se encena uma farsa, essa, que regiões de fome e de visões como a Amazônia terão direito, um dia, fatalmente, a um solo próprio e à convivência com suas raízes.

O real está em toda parte, sim,

mas sob o domínio do medo ele se transforma em fantasia e fuga ao real.

Só a fábula insurrecta cravada na vida resgatará estética e historicamente a Amazônia dessa miragem: o padrão colonizador imposto a ela.

E, também, da falsa existência que tem sido a nossa até então.

Mas onde está esse subsolo real, o autêntico chão que servirá de base a essa independência histórica e estética, assim exigida com ênfase?

Enquanto ignorarmos isso, esse solo fértil, nem ênfase nem Cultura nos levarão um passo adiante.

E é inevitável que, para saber, será preciso um sacrifício cultural: o sacrifício dessa cultura a que nos habituaram e nos habituamos, será preciso romper tabus, negar-se a velhos cultos.

Quantos de nós se dispõem a tanto?

Há tribos na Amazônia que afirmam:

–A vida é uma ilusão, só os sonhos têm realidade.

Não.

Não se trata de mais uma alienação, mera crença.

Antes, é preciso ver nisso a presença de uma *consciência que já viu*.

E viu o quê?

É simples: ao tomar o *real expresso* como o *Real*, o homem se amesquinha e *trai* seu projeto de ser inerente: ao suspeitar *desse real manifesto em torno de nós*, todas as possibilidades de modificá-lo se escancaram. Esse real à nossa volta é, na Amazônia, socialmente, a transplantação da realidade forjada pela cultura do dominador, herança a que nos forçam.

Alguém já disse: - *Do fundo de uma prisão, um homem pode fechar os olhos e destruir o mundo*.

É disso, enfim, que se trata. Desse poder. E nós o temos, mas ele dorme entorpecido o nosso sonho de região sem voz, sem identidade, sem alma – porque fomos *desalmados* pelo invasor.

Ante a constatação inevitável da nossa carência material em resistir a esse colonizador com armas idênticas às dele, porque somos, irmãos, muito pobres, e ante a constatação de que isso seria repetir seus erros e reafirmá-los como valor – quando o nosso projeto é uma *reinvenção cultural*, uma revalorização da vida – ante essas constatações, e a par de um esforço de independência política e econômica, não temos o direito de negar-nos a nossa arma mais eficaz, imediatamente: o *Imaginário*, esse poder de que os nossos dominadores seculares, exaustos de sonhar, vêm abrindo mão.

A Amazônia é uma irreabilidade, então? Uma utopia? Um fantasma geográfico habitado por fantasmas humanos? É?

Também. Da perspectiva da nossa opressão, isto é trágico; mas da perspectiva da *nossa realidade*, aí está o começo da nossa liberdade. E não apenas em relação ao colonizador, mas também em relação à própria vida, para nós, potencialmente, um dado lúdico.

E no entanto, aqui se morre, se nasce em ondas, há a fome em estado crônico, homens doentes nos olham nos olhos às vezes com paixão, outras vezes com ódio. Tudo é igual à vida *como ela é*, vista por fora.

Juntamente com a mobilização de uma operação política, então, é precioso pôr em movimento também uma operação mágica.

Esta: para além do real que me é dado pelo mundo,  
e, sobretudo, se esse real está deformado pelas marcas de uma dominação alheia a mim,

resta-me o recurso de um jogo.

E nesse jogo descubro e me repito, até o último alento:

–A História, a minha história, só terá realidade quando eu me apossar dela pelo meu imaginário de homem e região.

Foi isso o que o colonizador esqueceu, e por isso ele fez de sua *história* uma História lenta, mas fatalmente, contra a sua própria vida.

Tudo isso vemos, e não vemos, não temos visto, como um espetáculo exposto à nossa consciência: o drama de um naufrágio. O naufrágio do modelo da civilização ocidental.

Repetiremos sua encenação?

Nesta geografia, não só os rios, mas também as idéias, os desejos, os projetos de vir a ser, tramam labirintos.

Nada a conter. Não nos peçam a coerência e o linear.

A região é barroca. Barroca, aberta e canibal: um dia caberá fazer esta, a última afirmação, com mais propriedade.

Se, como no *zen* – citação de canibalismo cultural, desde já – me dizem que o *corvo da História é negro*, me cabe amazonicamente libertar-me na proposição de um outro corvo, mesmo que isso seja aparentemente uma loucura,

o absurdo,

e dizer: - *O corvo não é negro.*

Aí começam as chances do meu corvo não ser negro. O corvo da História, o meu corvo de ser.

Minha revolução se faz de inversões que me libertam do dado, do imposto, do plausível. Não sou, não quero ser plausível, grita essa região que também já viu, mas esqueceu, foi forçada a esquecer.

Fincado no coração de suas dialéticas racionalistas, o Ocidente, que preferiu eleger para sua tradição a Grécia pós-pré-socráticos, a Grécia lógica, ignora esse jogo.

–*Estamos na ilusão*, também diria um Heráclito mura.

E essa herança libertária de um filósofo jônico alógico – é preciso exercitar sempre o canibal cultural que preciso ser, diz a região – recusada pelo medo ocidental, nos serve, porque com ela, também, aprendemos a negar a realidade da fatalidade histórica de subnutridos que o Ocidente e sua dominação nos impõem.

Acima foi dito: *A minha História amazônica só terá realidade quando o meu imaginário amazônico se apossar dela.*

O meu imaginário de homem e região.

O que significa isso?

O que seriam homem e região em coito cultural, sendo juntos?

Temos as manifestações de uma arte popular entre nós. Frequentemente folclorizada – alienação interna da região, alimentada pelo colonizador, frequentador de um circo *pacífico* que ele aplaude para que se mantenha assim – no entanto, creio, é daí que virão as nossas mais decisivas oportunidades de escapar aos rigores e ao vício de uma estética imposta a nós.

Os nossos criadores cultos, repetindo um padrão do Ocidente colonizador, têm se apropriado dessa arte popular para apresentá-la sob a forma de um regionalismo inexpressivo, superficial.

É preciso denunciar essa operação, e insistir em criar meios para que essa arte se expresse por si, para que ela não seja expropriada.

A outra alternativa, a de que homens *de cultura* busquem a cultura popular e a manifestem em sua própria arte, só pode ser um dado revolucionário quando vier sob essa forma, conforme foi declarada por Glauber Rocha na televisão: - *Sou um bárbaro e as minhas raízes são as culturas populares do Terceiro Mundo.*

Aqui, procuro um nome numa região similarmente deprimida e asfixiada como a Amazônia. Um nome exemplar. E uma região real e inventada igualmente exemplar.

Falo do Sertão de João Guimarães Rosa.

Não apenas como literatura, mas como espelho válido para todas as nossas linguagens: plásticas, sonoras ou aquelas do silêncio da nossa perplexidade regional, amazônica.

Como nos expressarmos com essa retaguarda de região que somos soterradamente, com essa retaguarda de oralidades, de lendas, de fábulas que historicamente têm melhor nos expressado como região e como sonho de região, como seres humilhados economicamente, politicamente, esteticamente, mas também como seres luminosos, de violenta riqueza vital?

Em sua outra geografia, como nenhum outro, Guimarães Rosa soube fazer o encontro revelador do seu destino individual com o destino da sua região, e, mais ainda, soube transformar esta região numa metáfora de toda a vida. Nele, em todos os seus livros-salmos, livros-santos, livros-rituais de iniciação na existência, falam *mitologias pessoais*. E falam também *as mitologias da sua região*. Nele, Riobaldo é um homem e é os homens, qualquer um de nós e todos nós, e é também Guimarães Rosa. Nesse Guimarães Rosa, o Sertão é um sertão e é mais do que aquela região lá, geograficamente fixada num ponto qualquer da costa do planeta.

Esse tomar-se como indivíduo e ir mais além, para representar a comédia comovente do homem na vida, a comédia comum a todos os homens, *homem tornando-se homens* para até mesmo expressar melhor, de volta à unidade, a condição humana, o real em cada um de nós,

e também esse tomar uma região para expressá-la como uma região específica e ir mais adiante, para fazer essa região valer como uma alegoria do real inteiro, como tem sido vivido da China à África, na Idade Média, hoje ou durante os primeiros clarões da invenção do fogo,

essa operação, enfim, de mesclar destino individual e destino coletivo, região e mundo, realidade e imaginário, em demanda do *real total*, nós não a realizaremos apropriando-nos regionalisticamente da Amazônia. E nem entregando-nos ao modelo de realidade imposto a ferro pelo colonizador.

Será, antes, entregando-nos embriagadamente à nossa condição de homens, digo: de *inventores* de uma realidade mais vasta,

será *falando conforme a loucura que nos seduziu*, como queria um insurrecto europeu que lutou contra a *Razão* do imperialismo, André Breton,

e será, sobretudo, dando-se generosamente à vida, que nós a realizaremos.

Matar o *olho culto* herdado das tradições da opressão ocidental sobre nós.

Abrir nesta noite regional um outro olho, *nativo*.

Essas são as práticas urgentes. De uma perspectiva menos elementar, essa é a nossa fome mais urgente.

Contra o colonizador, nacional e estrangeiro, mas sem a miséria da xenofobia rancorosa,

e insistindo nos valores da insolência e da transgressão.

Nosso nascimento como região depende de uma morte? Sim. Da nossa morte como *miragem de região*.

E, por isso, e para isso,

então,

temos: *Posição: contra o regionalismo e ao mesmo tempo por uma revolução de região, só o mito e o delírio poderão alguma coisa.*

E todos os sentidos advertidos contra os engodos de uma História feita contra nós, por dominadores contra dominados.

Para realizarmos essa operação, precisamos aprender a ouvir as falas do inconsciente falante geral, que é de toda a região e de ninguém em particular – abaixo o emblema fixado contra a porta do imaginário amazônico, aquele que diz: “Propriedade Privada”.

Nesse imaginário, é esta região na verdade quem fala, e, através dela, falaremos todos nós.

Bastará deixar que ele nos diga algo. E escutar. Com muita humildade. Muita radical exasperação também. E sonhando bastante os nossos sonhos, a todo instante. E deixando que esses sonhos, os individuais, se misturem com os sonhos da região. Porque, no fundo, só uma coisa sonha e nos sonha: a Vida.

É preciso dar-se, deliberadamente, a ela.

E é preciso insistir:

Nossa História só terá realidade *quando o nosso imaginário a refizer, a nosso favor.*

## MANIFESTOS CURAU/PARTE III: NO CORAÇÃO DA LUZ

No Coração da Luz/centelhas para um Segundo Manifesto Curau, ou não

–Nossa História só terá realidade  
quando o nosso Imaginário a refizer, a nosso favor

Assim calava a sua Voz, retornando ao Silêncio que sempre se segue a todas as últimas palavras de tudo que se fala, se escreve, se pensa, também, o primeiro *Manifesto Curau/Flagrados em delito contra a noite* lançado em Belém, no clamor dos debates suscitados pelo Congresso da SBPC/Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1983.

O que restou dele? A invenção de Andara, transfiguração da Amazônia em região-metáfora da vida, seguiu o seu roteiro de viagem sem roteiro à deriva pela vida, passo a passo, através de cada um dos *livros visíveis de Andara*, enquanto manifestações do não-livro, o que não é escrito: *Viagem a Andara* o *livro invisível*.

Se desde *A asa e a serpente*, em 1979, foram os primeiros livros de Andara que suscitaram as exigências contidas no *Manifesto Curau*, e sua incontida manifestação pública, a partir do ano do seu lançamento, em 1983, os demais livros de Andara se dispuseram a realizar essas exigências e a isso vêm se doando, tem sido assim, até a publicação de *Ó Serdespanto*, em 2001, em Portugal e só em 2006 no Brasil. Até *K O escuro da semente*, *livro visível* que também apareceu primeiro em Portugal, em 2005, e até hoje aguarda olhos brasileiros que talvez nem se abram para ele. Mas em 2008 o mais novo Andara, o *Ó: Desnutrir a pedra*, novamente atravessou esta resistência nacional.

A essência das exigências que fiz a mim mesmo, antes de fazê-las a outros, contidas no primeiro *Manifesto*, continua intocável: trata-se, ainda, e disso se tratará sempre, da expansão do *imaginário amazônico*. Tem sido ele, o Imaginário da região, a minha única companhia na solitária aventura estética e espiritual que é a *Viagem a Andara*, esse percurso claro-escuro entre as coisas que são e as coisas que não-são, que, tendo se iniciado a partir da hipótese Andara=Amazônia, chegou à inversão dessa hipótese originária, e atingiu o ponto, sem retorno, em que já se dá, atualmente, a formulação: Amazônia=Andara. Pois durante a viagem, Andara cresceu, além de si e além de mim, e se expandiu em região-metáfora da vida ela toda, inteira, da terra ao céu, das serpentes às asas mais vastas, para bem além das coisas que a visão humana já não

alcança, e apenas pré-sente, se territorializando como Lugar de Todos os Lugares – o que equivalesse a dizer: se desterritorializando em Lugar de Lugar Nenhum - para além da Via Láctea, incluísse outras galáxias, outras hipóteses de Ser, Andrômeda que pacientemente esperará milhões de anos-luz para nos devorar, *Suprema Mutação imensa*, que não caberá nos limites dos nossos olhos exteriores - certamente, sim – está lá em *Silencioso como o Paraíso*. E quem sabe isso se dando por conta do alento onipresente e sutil que a ela veio acrescentar o meu filho Franz, que, desde 1993, quando um assassino impune o transformou em homem invisível, seu nome tendo sido incorporado ao meu nome, veio se tornar meu solitário companheiro de viagem: ele Lá, eu ainda aqui, nesse aquizinho de nada

em que sobrevivemos ora sonhando de olhos fechados, ora sonhando de olhos abertos e escrevendo livros.

Andara sendo um território que se doa ao imaginário amazônico e a todos que dele quiserem se apossar, pois lê-se em sua entrada uma inscrição inversa a do Inferno de Dante, que diz: *Ó vós que entraís, trazei toda a esperança*, Andara, então, se dispondo se entregar desde sempre ao uso comum, coisas curiosas passaram, ainda que muito rarefeitas, a acontecer: - Rafael Costa Costa me pediu um dia permissão para ambientar sua novela infantil em Santa Maria do Grão – essa tosca capital arcaizada de Andara que, em sua vocação de permanência-em-ruínas, de si exclui a face banal efêmera de Belém do Pará. - Jorge Mun se dispôs a por em práticas as exigências do primeiro *Manifesto* e esboçadas nos primeiros livros de Andara e escreveu *Onde*, livro delirante que lhe agradou dedicar a mim – e, bem recentemente, eis Nicodemos Sena brincando nos limite do exagero de me transformar em personagem aéreo em seu *A noite é dos pássaros*, onde declara se inspirar *no ideário proposto em Flagrados em delito contra a noite*: - *Nossa História só terá realidade quando o nosso imaginário a refizer, a nosso favor*.

Foram sinais, sinalizações externas, mais de que?

As exigências do *Manifesto Curau* não sendo somente poéticas, mas também políticas, pois trata-se de uma manifesto *poético-político*, tantos anos depois ainda somos flagrados em delito contra as nossas noites e os nossos dias, ao constatarmos, hoje, que quase nada realizamos do que aquela Voz faz tanto tempo nos pedia.

O projeto acima citado, certamente utópico – mas no sentido estrito em que essa palavra quer se significar *Lugar Nenhum onde, por isso mesmo, cabem Todos os Lugares* - de nos apossarmos decididamente da nossa História pelo nosso *imaginário de homem & região*, conscientes de que toda a nossa força só provirá daí, ainda está muito longe de se tornar realidade,

e o que é mais grave: parece até mesmo *se afastar cada vez mais de nós*.

*Fogos mortos, mortais, cada vez mais se acendem na Sagrada & Violada Floresta,*

*mas não iluminam suficientemente a Face Oculta da nossa consciência regional.*

Diante disso, o que resta fazer?

Insistir, persistir nas exigências do *primeiro Manifesto Curau*, tentar fazer com que a sua primitiva Voz ainda ressoe através desta centelha talvez propiciatória a um *segundo Manifesto Curau*, ou não, e que ela encontre acolhida nos ouvidos das novas gerações e se transfigure em prática cotidiana do ato de sonhar em estado de vigília.

É sobretudo a essas novas gerações, que hoje têm a idade que meu filho Franz tinha quando ainda estava visivelmente entre nós, homens, que cabe soprar apaixonadamente o Real e fazer reacender o Fogo das Cinzas.

A vocês cabe a missão, o passo insurrecto.

Quantos ousarão?

Ou dão o passo em falso que a vida exige de nós, para além ou aquém dos limites que uma civilização

agonizante quer impor ao ser humano, ou só lhes restará fazer a triste opção de se tornarem herdeiros da nossa impotência regional.

Parem um instante as agitações vazias. Olhem ao redor, observem, olhem principalmente dentro de vocês mesmos.

Se instalem, por alguns momentos, entre o vazio que se abria para nós em 1983, ano em que muitos de vocês nasceriam, e o vazio que perdura neste ano de 2009, quando o *Manifesto Curau* se atira novamente ao mundo *gritando suas denúncias, pregando a sua fé*.

Se vocês pararem realmente para observar,



*não como habitualmente: o Céu da Terra,  
mas insolitamente: a Terra do Céu*

verão que a Amazônia, apesar de seus torturadores & de seus filhos indiferentes, ainda é o espaço que, aqui embaixo, enquanto todos dormimos os nossos sonos

alienados, reflete & dialoga com as estrelas e, mais atrás delas, com o Oculto Negror de Onde emana toda a luz.

Nos recusemos às Cinzas.

Cintilemos.

Tentemos, ainda uma vez, permanecer no lugar mágico em que a vida nos lançou.

Nós ainda estamos pulsando *no Coração da Luz*.

VFC

*Belém, Amazônia, Brasil*

*Março/2003*

## ENTREVISTA

### VICENTE FRANZ CECIM FALA SOBRE LITERATURA, ANDARA E VIDA



Digamos que isso, esta Entrevista, se resume a uma única pergunta –a que realmente interessa:

-O que é Andara?

A essa pergunta eu responderia:

Andara é Geografia Verbal, dialogando com a Geografia Física da Amazônia. Andara é, Geografia Verbal, dialogando com a Geografia Física da Amazônia, que, por ser Lugar de Natureza é Lugar do Sagrado em epifania. Se não existisse a Amazônia

e não se desse a circunstância fatal de eu ter nascido lá, talvez não houvesse Andara. Certamente, não: não haveria Andara.

Então, Andara começou se nutrindo da Amazônia. Da Realidade da Amazônia. Mas da Realidade Onírica da Amazônia. A Amazônia é um tecido infundável de lendas, fábulas. Lá, aqui, parece não haver fronteiras muito nítidas demarcando onde termina a Realidade e começa o Sonho, e vice-versa. Em Andara também é assim. Mas não falo da Amazônia que aparece, mimetizada, na Literatura de Cultura, a erudita, a que se faz escrevendo palavras: falo da literatura Oral da região. Dessas raízes é que foi nascendo a não-árvore de Andara. Árvore que se iniciou como Árvore de Palavras, mas aos poucos foi buscando se tornar o que hoje é: uma não-Árvore de Palavras. Árvore Invisível. Esse tipo de Árvore, ninguém pode incendiar e reduzir a cinzas com fazem com as árvores da Amazônia.

Na Invenção de Andara, se retoma o sentido do Verbo como Sopro criador.

Novamente o Demiurgo se faz presente. Mas o Demiurgo, neste caso, é só um homem: eu: coisa enquanto Imanente, efêmera. O que não impede que haja um Ímã em mim, pulsando pelo Transcendente. Não posso soprar o barro e criar vida, mas posso soprar as Palavras de dentro de mim e criar um Mundo Verbal. Nesse sopro, não digo: Faça-se a Luz. Apenas oro por ela. Nesse mundo, de Andara, não sopro: Desfaçam-se as Trevas. Apenas rogo a elas, como Caminho de segredos por algum motivo necessário, que, se desvelando, vão me deixando passar. Comigo vai todo o Cortejo de Neblinas de Andara. Pois em Andara já não há personagens, coisas, acontecimentos: há seres Neblinas, coisas Neblinas, sombras de acontecimentos imersos em rarefeitas Neblinas. Às vezes me pergunta se Andara vem do verbo Andar. Vêm? Será? Eu mesmo às vezes me pergunto isso: Andara vem do verbo Andar?

Não sei, só sei que também quanto a isso nada sei. São sempre obscuras e encerradas em si as coisas de Andara. “Vida ama ocultar-se”, dizia Heráclito. Eu, como um outro Obscuro, um obscuro mais selvagem, também me surpreendo freqüentemente me dizendo, a cada novo livro visível que estou escrevendo de Andara: Andara ama ocultar-se. E rio comigo mesmo, mas às vezes me intimida, me dá medo. É uma convivência, essa minha com Andara, com muitas Alegrias que eu não encontraria em nenhum outro lugar, mas também muito cheia de espessuras e súbitas fendas de entrevistas revelações. “Na obscuridade o ouro reluz”, dizia Pound. E Maupassant, tão belo e hoje tão injustamente esquecido, falava da presença insidiosa e temível de um Outro, oculto, por trás dele quando escrevia. Mas jovem, eu muitas vezes também percebi esse ‘Outro’, lendo por trás dos meus ombros o que eu escrevia. Se era à noite, sozinho na madrugada, eu parava de escrever e ia dormir abraçado à mulher quem fosse na ocasião, assustado.

Foram os primórdios de uma pré-Andara, pequeno contos que eu escrevia, ensaiando o Passo para penetrar em Andara e nela me perder, me fundir para sempre, como hoje estou. Mas quem é o Criador, quem é a Criatura? Essa é uma outra das raras coisas que eu sei de Andara: Ela é o Criador, eu sou a Criatura. Em nosso caso, toda a história da Literatura se inverte.

No livro “Silencioso como o Paraíso”, que tem duas entradas, duas capas, duas frentes, dois inícios e dois fins, mas nenhuma saída, eu sussurrei isso para o leitor, quase pelas costas de Andara. Numa das Entradas do livro, coloquei uma frase de Ângelus Silesius: “A criatura é o seu gosto de brincar.” E na outra Entrada outra frase de Ângelus Silesius: “À divindade agrada o jogo de criar.” Fiz como Dante, que pôs aquele aviso terrível na porta do Inferno: “Ó vós que entrais, deixai toda a Esperança.” Mas em Andara não há nada a temer: exceto o Temor e o Tremor, citando o título do livro de Kierkegaard, de nos vermos a nós mesmos e à Vida que, em seu Pudor, porque a Vida é uma coisa feminina e casta e cheia de Pudor, sob as Aparências, sob sua Epiderme dissimulada, se oculta de nós.

Mas Andara se diz, se fala melhor do que eu sobre ela, com suas próprias palavras.

E, sendo assim, passo a palavra ao Verbo de Andara – para se ela mesma se diga, e se mantendo velada, se desvele:

FRAGMENTOS DE ANDARA  
POEMAS  
DE  
OS DIAS CONSAGRADOS

na via Lenta

este é o caminho das

Grades,

e ouves no fundo da Terra portões de ferro voltando ao pó,

como tu

Mas Tu não cumprirás toda a Profecia

Afinal,

não chegaste pela rua da tua Infância? N

ão tropeçaste na porta da Sede e a Água te ergueu?

Não testemunhas o regresso das árvores em Sonhos

e

não passa Dentro de ti

a Outra via?

leve

Que

leva

à Leveza invisível

a Residência entre Clarões está nas cinzas

Agarrado ao teu Tronco,

como não lamentarias a queda dos Frutos?

Perdido de Ti,

como colherias a Semente

no ar

e a semearias nas noites da Fadiga?

Para isso: ouvir

Aquilo que chama na Sombra

Para aquilo, ver

Isso: o Anel de Luz

na noite que mais pede sacrifícios à Aurora dos Destinos

ao passo

mais fiel ao caminho para a casa tombada, Lá: onde a Curva

no horizonte

oferta a Esfera ao fechar dos Círculos

à água de murmúrios dos Teus Olhos

À Asa murmurante que não pausa

Celebração das noites fatigadas  
há Desesperos circulares, Tu sabes desesperos  
como o do animal no Escuro escuro

Girando  
contido no Centro que seu giro gera

E a cada giro, Pura  
emissão de intensidade busca as margens para Além das margens

E a cada giro, o Não  
Escrita de grades: a palavra Dor não é a palavra Sim

Mais um giro, e eis: a Queda

Luz fenecendo

Oo

Centro que des  
morona, des  
falece em centro

E se esmorece

o Desespero, e se  
se apaga: Se sob a pele Negra olhos se ocultam,  
na harpa de grades a pausa é breve e não há Música

pois foi escrito no Bosque Sem Ternuras, em nossa Face: Que os olhos que

uma vez se fechem outra vez se abram,  
e eles se abrem,

Cílio sem paz se

acende o Desespero

e Testemunha: as Grades permanecem Lá

E

se adormece para os Sonos dos Alívios? Sem

remédio Sem  
remédio,

porque sonha Grades  
ah, tudo oculta em sonhos a Catedral de cinzas  
as Margens

o Círculo  
e a chave perdida

Animal escuro,  
te tornaste o próprio Centro escuro

Tece teus cílios de Hera sagrada

Cintila  
nas noites Sonha  
com a Alvura

Não sabes que Outro centroO  
te ilumina,  
mais Escuro?

há Desesperos circulares, Tu sabes

Caminho dos corpos lentos

E o Céu? Se

pergunta a Terra,

enquanto desces ao encontro do Teu Centro

eis: a espreita do Suspeito de Si Mesmo

Eis a Penumbra da Água em silêncio

Na Fonte,  
não são Longos os peixes que te incineram

Ainda uma vez um Sim de pedra  
se ocultou  
na Noite,

e enquanto tombas vais lembrando que Não És  
a parte dos Dons  
mas  
Se  
nutrires em Ti  
a Metamorfose da Esfera,  
ouve e Celebra o teu rumor de Hera

H

e

} quando o Silêncio horizontal se disser, te despindo, o Fulgor que És

e tudo em círculos vagando sobre a Esfera vier se Delatar a ti como  
Máscara para esmagamentos > a horda escura e a História  
e o ir e o ir e o ir dos frutos retornantes às sementes

mas não  
o Vir  
da Semente ao Fruto que nós chamamos Vida

e

quando na Clareira, Nu  
testemunhares o desabrochar da Hera

#

Então

} haverá um dia seguinte

E nesse Dia  
Manhã do Caminho sem caminhos,  
despertando

abrirás a porta da tua casa  
e verás  
a Constelação Sem Centro

Porque o Centro tombou sem rumor toda a Noite para a Terra

Estás outra vez na rua onde passou por ti a Vertigem, a Tua Infância  
E agora } o Centro  
És Tu

FICÇÃO  
DE  
FONTE DOS QUE DORMEM

Caminho do lábio curvo

e assim, sob a luz mais triste, eu ia em busca da Fonte dos que dormem

E ouvia vozes

embora a Ave mais bela seja aquela que se recusa a voar, diziam aquelas vozes, esvoaçantes

elas descendo de um céu silencioso e deserto de asas sobre mim

ouvisse

foi o homem do lábio curvo quem me falou do caminho

disse, mas tu darás tantas voltas que não atingirás o seu Fim, pois, ou ficarás tonto e tombarás no meio do caminho e se te levatares tombarás outra vez ou serás esmagado, misturado à terra pelos pés de outros que ainda estão indo cheios de esperança ou já voltando desesperados pelo caminho, pois falei a tantos do Caminho que agora uma multidão deverá estar a caminho através dos dias e das noites, atravessando luzes, atravessando sombras e ela te pisoteará até seres só uma Sombra para outros tropeçarem e assim o Caminho ficando cheio de sombras em que tropeçarás e se levatares tropeçarás em outra e outra pois serão tantas

também podendo acontecer que já tenham passado e o caminho estará vazio, e te sentirás tão solitário sob um céu vazio que buscarás a árvore mais próxima para te enforcar, mas, ah, elas estarão cheias de corpos de outros que se desesperando antes de ti a cada passo

então, como suportar aquele peso

e fossem buscar a leveza

e agora flutuassem nas árvores, esses Frutos nas margens do Caminho

ó delícia de ascensões que eles sentissem,

o que daria mais vontade ainda de encontrares um repouso também para ti, mas não acharias o galho que está destinado a ti e não a outro, ainda que todos os homens se lancem pelo Caminho

ó delícia de ascensões

quantos enforcados via, serenos, e silenciosos, agora eu indo pelo caminho deserto, atravessando os Crepúsculos as Auroras, uns já gelados sob a Lua, outros ainda ardentes sob o Sol

eu ia de árvore em árvore orando por um galho para mim, aceitaria o mais ressecado

se quebrasse com o peso do meu corpo, o que, se acontecesse, pois nem esse achava, me fizesse mais uma vez tombar no caminho, no Vazio

a ave mais bela seja aquela que se recusa a voar

no céu vazio, sobre ti aquelas vozes

e, longe, o Rumor de multidões se aproximando,

fugirias com as forças que ainda tinhas,

dando voltas, girando ao redor de ti mesmo, e novamente estarias diante de Mim, perguntando pelo Caminho, sem tua Sombra

sob a luz mais triste, eu ia pelo Caminho do Lábio Curvo

E ouvisse vozes

esvoaçantes

descendo do céu silencioso de asas sobre mim

embora a Ave mais bela seja aquela que se recusa a voar

ouvía

foi o homem do lábio curvo quem me falou do caminho

mas tu darias tantas voltas que não atingirias o Fim, disse, pois ficarás tonto e tombarás no meio do caminho e se te levatares, cairás outra vez.